



Vol. 2 nº 3 jan./jun. 2007

p. 141-152

MEMÓRIAS DO FUTEBOL: A ANTROPOLOGIA E A HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PESQUISADOR

Ernesta Zamboni¹ - UNICAMP

Neusa Gusmão² - UNICAMP

RESUMO: Fundamentando em um curta metragem sobre a Copa do Mundo de 1950, que compõe a série “Histórias do País”, em que o acontecido com o goleiro Barbosa da seleção brasileira é reconstruído pelos diretores Jorge Furtado e Ana Luisa Azevedo, foi analisado o processo metodológico usado na construção desse filme. Tomando como referência os procedimentos metodológicos adotados pelos diretores foi criado um paralelo com os procedimentos presentes nas pesquisas educacionais. Mediante este processo foi analisado e refletido o uso das diversas fontes documentais: escritas, orais e imagéticas que constituíram os fundamentos da criação desta curta metragem e com a preocupação de marcar os tempos presente/passado o referencial usado foram as cores. O eixo norteador deste trabalho foi refletir o processo de formação dos pesquisadores nos campos da história, da antropologia e da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia, História, Antropologia, Fontes documentais, Formação de Pesquisador.

FOOTBALL MEMORIES: ANTHROPOLOGY AND HISTORY IN THE FORMATION OF THE RESEARCH

ABSTRACT: Based on a documentary about the World Cup of 1950 in which the events involving the goalkeeper Barbosa of the Brazilian team are reconstructed by the film's directors Jorge Furtado and Ana Luisa Azevedo, the article analyzes the methodological process used by the directors in the mounting of this film. Taking as a point of reference the methodological processes used by the directors, the authors draw a parallel with in education studies. Through this process the use of diverse documental sources were analyzed and reflected: written, oral and image materials that constitute the fundamentals in the creation of this short film. With the intent of demarcating past and present times, the directors used colors as reference. The axis of this work was to analyze the process of the formation of researchers in the fields of history, anthropology and education.

KEY WORDS: methodology, History, Anthropology, documentary sources, researcher formation.

Este texto tem como objetivo tratar das temáticas tempo, formação do pesquisador e pesquisa em educação. Foi escrito a quatro mãos a partir dos olhares de uma historiadora, que tem como preocupação a formação de professores e o ensino de História e por uma antropóloga, que assumiu a Educação como objeto de pesquisa e de sua prática pedagógica. Esse processo pretende o aprofundamento do diálogo entre a Antropologia, a História e a Educação, sem descuidar das dificuldades da transposição entre áreas do conhecimento, em razão das tradições e das metodologias próprias de cada campo. Deparamo-nos, nesse propósito, com uma escassez bibliográfica sobre este assunto.

Perguntamo-nos o que poderia ser apresentado de interesse sobre a pesquisa em educação. Fazer um balanço do que existe é algo que já se encontra disponível em publicações de naturezas distintas e, no momento, não nos cabe fazer mapeamentos críticos. Decidimos avançar em outras direções. Partimos para algo mais novo. Resolvemos iniciar o texto com uma história, tomá-la para analogia com as regras da pesquisa, seus procedimentos e desafios, em particular nas das pesquisas etnográficas em educação, e entrecruzá-las com os procedimentos de construção do conhecimento histórico.

A formação do pesquisador é um rito de passagem. Como rito, ela envolve nossa dimensão humana, diz de nossa formação para tornarmo - nos capazes de produzir conhecimento, que pode vir a ser aplicado e utilizado em diferentes circunstâncias. A pesquisa é, por sua vez, um ritual, ou seja, um ritual iniciático ao mundo do saber, que envolve uma série de operações e tarefas para que se produza um dado conhecimento (GUSMÃO, 2001 p. 73-78). Nesta dimensão, enquanto pesquisa, o trabalho acadêmico diz de nós como seres humanos que somos e também de nossa vivência como pesquisadores unidos aos processos de nossa formação. Assim, envolve nossas objetividade e subjetividade, nossos sentimentos e sensibilidades, nossas experiências vividas na academia e fora dela, em nosso cotidiano da própria pesquisa.

Pesquisar diz respeito, então, a um jogo de relações que constitui um campo aberto no qual debatem as teorias e os princípios de explicação existentes, a documentação e suas fontes, as visões de mundo que temos e os postulados metafísicos de que dispomos. No entanto, esse não é um jogo qualquer. Ele tem regras que implicam o respeito aos dados e à obediência a critérios de coerência que dão à ciência sua condição superioridade. Entretanto, ao fazê-lo, cada um de nós é envolvido e, nesse sentido, como diz Edgar Morin (1994 p. 20), é preciso que a ciência que praticamos se interrogue sobre suas estruturas ideológicas e sobre o seu enraizamento sócio-cultural. As aproximações dos olhares dos historiadores e antropólogos têm ampliado os nossos objetos de pesquisa. O cotidiano dos antropólogos se aproxima do horizonte dos historiadores. Com isso, cabe perceber que, nas pesquisas de natu-

reza interdisciplinar, os conceitos de cultura, identidade, tempo, símbolos e mitos vão sendo revisitados e reconstruídos de acordo com a sua complexidade. Sem dúvida, os trabalhos de Carlo Ginzburg, principalmente em “Os queijos e os Vermes” (1987), e de Alf Lüdtke, “Histoire du quotidien” (1994) nos mostram de forma ímpar como podemos trabalhar ou refletir sobre dados de uma história pessoal, como à do moleiro Menocchio, investigar as mentalidades de um determinado momento e reler dialeticamente o universo cultural dos camponeses e das pessoas eruditas da Idade Média, como assim também podemos fazê-lo sobre o mundo contemporâneo.

Após estas considerações, novamente nos perguntamos: o que poderíamos escrever “de novo” ou de interessante sobre pesquisa em educação com uma visão interdisciplinar. Da união dos nossos olhares resultou o presente texto que conta a história de um fato real, relatado em um filme, sobre a Copa do Mundo de 1950, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (FURTADO e AZEVEDO, 1988).

A história começa como o personagem, um homem de 49 anos, entrando em uma máquina do tempo, e que o transporta para um passado distante, recupera a memória de um determinado momento, mais exatamente do jogo final entre o Brasil e o Uruguai, na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, Rio de Janeiro, um acontecimento que se tornou também um fato histórico. Eram 200 mil espectadores. A vibração da torcida e um país em expectativa viam o Brasil como um grande furacão e davam sua vitória como certa como fato sacramentado. Mas não foi o que aconteceu. Teria sido culpado o goleiro brasileiro, que deixara passar a bola? Como equacionar a frustração de todos aqueles que presenciaram aquela cena?

Estava colocado o problema. A personagem pensa, então, em voltar no tempo e mudar os fatos, mudar a história. Nesse momento, um narrador apresenta os dados para desenvolver o assunto, o tema. Fala sobre o contexto da época, mostra as ruas, os carros, as roupas e, principalmente, o Maracanã lotado. Mostra, também, a música e o ufanismo daqueles que acreditavam na seleção brasileira como campeã. O filme exhibe os jornais, revistas, rádio e ruas testemunham a mobilização do Brasil. O personagem revê o fato na memória e relembra o momento do fatídico do gol. Ele, como sujeito da história, estava lá, tinha 11 anos e a certeza de que todos os sonhos são possíveis. O jogo era só uma formalidade antes da festa.

Como pessoa e brasileiro, ele não considerava a possibilidade de imprevisto de qualquer natureza, de um fato ou de um acontecimento que pudesse mudar as regras do jogo e se colocar como algo inteiramente novo e inesperado no contexto.

A trinta e quatro minutos do final do jogo, Gígia marca o gol da vitória uruguaia. O silêncio foi sepulcral no Maracanã lotado. Barbosa, o goleiro brasileiro, através da memória e em depoimento oral, disse: “o silêncio do público eu senti

como uma acusação, que carrego a vida toda, muitos anos depois, ainda, era apontado, na rua, como o homem que fez o Brasil chorar.”

O personagem busca um objetivo, mudar o destino da história ou o destino dele como expectador impotente ou de Barbosa, ou ainda de ambos. Para tanto, ele se utiliza um recurso e instrumento, uma máquina do tempo para solucionar o problema. Retorna ao centro dos fatos, volta a 1950. Embebida-se da realidade daquele momento, observa as pessoas nas ruas, os carros. Ele próprio se transforma, seu cabelo, suas roupas. Ele também é parte daquele momento específico, agora crescido, ou seja, após 38 anos. Sua memória fica confusa em razão do que se falou depois do acontecido, mas ele está lá antes de acontecer e, percebe que não é mais a “mesma coisa”, que o tempo não volta.

Na verdade, é sua memória que volta no tempo, conduzida por tudo o que é presente na sua existência. Olha então para os fatos, com tudo o que foi possível se saber deles e percebe que o passado não se confunde com o presente. A realidade é sempre uma construção e o estudo dela, uma reconstrução. Estar lá é poder ver no Maracanã duzentas mil pessoas confiantes na justiça da história, mas é também descobrir, como diz ele, que *“neste país nada vai dar certo”*. Ao usar a expressão *“neste país nada vai dar certo”*, o narrador reafirma um sentimento existente no imaginário do povo brasileiro, um certo pessimismo de que este país está fadado ao fracasso. Quando afirma, *“duzentas mil pessoas confiantes na justiça da história”*, é atribuir à história um poder que ela não tem, ou seja, o de fazer justiça, por ser neutra e justa, pensa como se a história não fosse produto das relações humanas. Esta forma de pensar concede à história atributos divinos, e reafirma a concepção teleológica da história, aceita no século XIX, concepção ultrapassada, debatida e criticada pelas correntes historiográficas contemporâneas.

É assim que estar lá de novo é estar como Deus (afinal, o que acontece com ele é uma situação única, é ele que volta no tempo, no entanto a volta é irreal). Mas, irá pensar depois, duzentas mil pessoas não sabiam que Deus ia chegar. Na verdade, ao acreditar ter o domínio das coisas, saber como os fatos são ou poderão ser, não tendo dúvidas, tudo isso se constitui em uma armadilha, do mesmo tipo que enfrenta o investigador de uma realidade quando acredita ter tudo sob controle, acredita saber tudo que precisa saber. Ao desconsiderar o imprevisto, o detalhe insuspeito que se imiscui no caminho de uma investigação e exige a mudança de rumo, nega-se a possibilidade da mudança do olhar e, mais que tudo, de garantir com isso a verdadeira descoberta. O personagem tem, por interesse, que resolver o próprio problema e o de Barbosa, vendo a si mesmo, o passado, as lembranças e os fatos. Acredita-se maior do que os fatos, as pessoas e a própria

realidade. Mas o jogo do real se desenrola mais rápido do que a própria lembrança. Não se tem domínio pleno dos fatos, do tempo, das coisas, assim como quem pesquisa descobre não tê-lo, quando se trata de conhecer realidades humanas.

O personagem, agora adulto, tenta chegar ao gol, mas é impedido, chega atrasado para dar um soco em Gigio e impedir o gol, consegue apenas gritar “BARBOSA!”, e a bola passa. Constata assim a impossibilidade de mudar a história. Diz, então, *“eu tinha 11 anos e 49 anos e, mais uma vez, o que ficou na história foi o silêncio”*.

O que nos diz a história e o que nos permite fazer paralelo com o universo da pesquisa?

Alguns pontos foram levantados no próprio contar da história, mas pode se resgatar outros aspectos.

Um deles é a importância da temática. O tema para o investigador tem a ver com a sua sensibilidade, como os seus desejos, com a sua vida. A relação tema e pesquisador é fundamental para a sua problematização. Como diz Le Goff, a “história – problema” (1982, p. 86) cria condições para as perguntas que são feitas pelo pesquisador, é o olhar do presente sobre o acontecimento, é a reconstrução do fato passado em um determinado momento e em um determinado espaço e momento.

Por que fazemos pesquisa? Para mudar a história? Não, não se pode mudá-la, podemos reler os dados e as fontes com outros referenciais. Fazemos pesquisa, investigamos para conhecer mais profundamente, para dizer algo para além do que já foi dito e que nos motiva e interessa. Trata-se de um sentimento, de um desejo que nos move, instiga e estimula a pesquisar e a desejar novas respostas. Daí que não se pesquisa qualquer coisa. A escolha do tema diz respeito a nossa própria história de vida, ele se inscreve em nossa subjetividade como desafio que queremos responder. Tal como o personagem, “alter ego” do diretor, ele sim, o menino de 11 anos que vivera aquele momento único, sonhara como todos os brasileiros e, como eles, não conseguia compreender e aceitar o desfecho dos fatos acontecidos. Daí, 38 anos depois, a escolha do tema de seu filme (dos diretores) e a tentativa de responder o que dentro dele próprio não estava resolvido. O personagem quer, então, mudar a história daquele momento singular que viveu como realidade com 11 anos e que revive aos 49 anos através do personagem. O que faz, então, para dar realidade a esse desejo que o move, tanto tempo depois? Olha o passado, o noticiário da TV, a entrevista de Barbosa, e sua memória e a memória geral que o povo brasileiro tem daquele momento singular. Ele recupera os documentos, revisita as fontes, sejam elas de natureza, musical, jornalística, literária, arqueológica, etnográficas, memorial e de imagens. Esse é o primeiro momento que podemos considerar como campo da pesquisa, acercar-se dos fatos, embebedar-se dos da-

dos, retomar os acontecimentos. Aqui, o vídeo e quem o produzem são exemplares: usa-se de documentação da época, faz-se a caracterização dos personagens e do contexto, transporta-se para um outro tempo, o tempo dos fatos em discussão. Perante o existente, o pesquisador questiona, e transforma o questionamento em uma problemática a ser resolvida.

Da mesma forma, os diretores do filme poderiam contar o fato através de outros ângulos que não o escolhido, mas o que fazem é uma escolha do tema (o que interessa, tem a ver com o que deseja), levantam hipóteses, com apresentação de motivos e motivações diante dos fatos, estabelecem um recorte temporal e espacial, escolhem a documentação e, assim, diretores e personagem se tornam um duplo, vivem em múltiplas temporalidades, (o do acontecimento, dos traços culturais da época e da aproximação do tempo do pesquisador com o pesquisado no contexto da pesquisa). Juntos definem os passos e o enredo que resultam na construção do objeto a ser desvendado, do mesmo modo que deve fazer um pesquisador com seus pesquisados.

A construção do contexto e do acontecimento implica a necessidade de ver tudo o que marca o fato em observação e, nessa faina, evidencia a concepção de história (a inexorabilidade dos fatos, a crença e a certeza), as visões do mundo (o senso comum, o povo, o personagem como Deus) para mudar os fatos ou para tê-los sob seu controle. Nessa dimensão, é incapaz de se ver em sua condição humana que o acompanha ao campo da investigação, faz-se incapaz de ver o mundo a sua volta, absolutiza o que vê e conhece, não relativiza e se fecha para o inusitado, o inesperado, o detalhe que lhe pode descortinar o mundo e permitir uma descoberta.

Qual é, então, o papel do pesquisador?

É observar e colher fatos analisá-los para com eles reconstruir uma dada realidade (no filme isso se dá por meio de indícios, muitas vezes de natureza cultural, uma nota de dinheiro, um penteado, a forma de andar, de se vestir, o tipo de transporte, as músicas escolhidas, que irão permitir a contextualização daquele momento singular). É ouvir as muitas vozes em jogo, nesse contexto, (como o Brasil se vê e se pensa naquele momento, como o próprio Barbosa e o personagem vêem os acontecimentos, como pessoas comuns julgam o fato, recriando a trama de relações sociais, tal como são vividas e pensadas pelos sujeitos). É, ainda, olhar os diferentes sujeitos e suas relações (ver o conflito entre sujeitos, ver como quem fez o gol é visto pelos uruguaios, um herói, e como Barbosa passa a ser visto pelos brasileiros, um traidor, identificando o que interfere nessas relações). O papel do pesquisador consiste em buscar evidências, compreender os fatos, surpreender-se com eles (o inusitado, o inesperado), questioná-los para ser capaz de dirigir o olhar sobre o acontecimento,

modificar não os fatos, como queria o personagem de nossa história, mas o próprio olhar e, assim, poder reconstruir, em outras bases, o próprio conhecimento. Esse é o nosso desafio, o de nos fazermos pesquisadores nesse ritual. Outro dado importante, neste processo de reconstrução, é que o diretor do vídeo joga com dois tempos, o passado e o presente.. O passado se apresenta em branco e preto e o presente, em cores. É necessário que o pesquisador esteja atento porque na reconstrução do passado há sinais, evidências do presente, como se pode observar a presença da máquina de filmar na mão de um determinado sujeito que aparece para salvar o goleiro.

A pergunta que permanece é: como pesquisadores, podemos alterar os fatos ou devemos trabalhar sobre os fatos? Há, em muitos de nós, uma ansiedade imensa em produzir um conhecimento aplicado, capaz de provocar mudanças e alterar a própria realidade. De modo particular, esse procedimento aparece freqüentemente nas pesquisas em educação.

Parece estar em jogo, nesses estudos, uma certa concepção de Ciência Aplicada que é em tudo assemelhada ao que nos colocou a história aqui relatada. Nela intervém a subjetividade dos objetivos (quase sempre em nome daqueles que se quer “salvar” e com base em um grupo tido por modelo); a subjetividade do pesquisador e mais, resultam disso tudo problemas éticos ligados à teoria e a uma certa concepção humanista de realidade, por vezes bem intencionada, mas equivocada.

Por tudo isso, para se fazer pesquisador é preciso ter claro o olhar com que se olha, o modo pelo qual se olha e, ainda, considerar o lugar a partir de onde se olham determinadas realidades. Ser pesquisador é preencher o mapa de experiência e apreender a vida do outro a partir da sua própria vida e experiência, ou seja, vida e experiência do pesquisador, tal como os diretores e seu personagem.

O processo de pesquisa é, assim, o processo da nossa própria transformação, significa ter que fazer travessias, não só do conhecimento em si, como uma explicação sistematizada a respeito de uma problemática por meio da teoria e de seus recursos (no filme, simbolicamente, a máquina do tempo), mas ainda do conhecimento como uma totalidade que nos envolve também como sujeitos. Nós não somos simplesmente pesquisadores e o outro não é simplesmente sujeito pesquisado. Somos ambos sujeitos de uma mesma natureza e isso envolve, portanto, relações de troca que não são simples, não são passíveis de serem previstas e nem de serem determinadas a priori, tal como descobriu o personagem em campo.

Por tudo isso, quando falamos de um modo de proceder na construção de um conhecimento do “outro”, falamos de diferentes teorias que através dos tempos conduziram nosso olhar e nossa prática em modos particulares de aprender e explicar os seres e as coisas. Trata-se de modos específicos de fundamentar a ação

científica e dela obter diferentes resultados e certas conseqüências, ou seja, produzir conhecimento nos coloca como artífices de uma experiência vital de tempo e espaço, os nossos, os de nossos sujeitos e os das teorias que adotamos.

Nesse sentido, a Antropologia, a História e a Pesquisa Etnográfica em Educação têm um trajeto marcado pela busca de diálogo e não de oposição a outras ciências, de formulação de perguntas e criação de estratégias próprias para conduzir os processos investigativos e buscar explicações para os fatos da vida humana. Não têm por objetivo imediato a intervenção e aplicação em uma dada realidade. Para a Antropologia e a História importa primeiro compreender, explicar e, só depois, e em acordo com muitas evidências diversas, intervir em conjunto com seus sujeitos sobre uma realidade determinada.

É aqui que a pesquisa em educação, sob os olhares da Antropologia e da História, é mais especificamente voltada para o Campo Educacional do que para a Ação Educativa, a primeira mais crítica e a segunda mais prescritiva. Trata-se, neste segundo caso, de uma perspectiva ainda positivista da realidade social humana, em que os paradigmas do equilíbrio (evolucionismo, funcionalismo, culturalismo etc.) se encontram voltados para a prática, para realidades micro, e tomam por base valores assentados num viés liberal com respeito à diversidade social humana. No caso do Campo Educacional, discute-se de modo crítico o ser e o dever ser da realidade, seus significados, assumindo-se a emergência de identidades coletivas, novas identidades e novas sociabilidades imersas no campo político, dinâmico e múltiplo da realidade social. Portanto, o estudo das teorias fundantes do modo de pensar e de conceber o conhecimento é indispensável para a produção do conhecimento em História e Educação.

Antropologia e História, como as demais ciências humanas, consideram o lado ativo da vida humana, tomando por base a valorização da nossa subjetividade e a do outro, reconhecendo que os sujeitos têm uma historicidade singular que envolve a noção de tempo/espaço diversa da do pesquisador. Isto quer dizer que o conhecimento que é produzido pode ser material fundamental de suas lutas, mas seu uso e aplicação têm que ser uma decisão dos próprios sujeitos.

A questão da subjetividade encontra-se por inteiro em toda esta discussão e, como tal, é parte integrante da pesquisa, porém necessita ser objetivada como condição de se tornar fonte de conhecimento. Resulta daí a importância em se saber, precisamente, quem são os sujeitos, como eles apreendem a presença do pesquisador e da própria pesquisa; e que tipo de interferência em seu mundo isso representa, para então dimensionar as dificuldades de um empreendimento como esse.

No entanto, o que temos observado é que na prática da pesquisa educacional relacionada ao campo do ensino da história, da antropologia, e das ciências

humanas em geral, notadamente nos estudos que se pretendem etnográficos, seja nas dissertações, teses, TCCs (trabalhos de conclusão de curso, desenvolvidos junto à cursos de graduação) que temos lido, o que conta é a ação educacional, quase “sempre microscópica”, e que transcorre entre muros da sala de aula e da escola, buscando, entre outras coisas, eficácia diante dos problemas que estuda. Por esta razão, tais pesquisas apropriam-se do ritual metodológico, observar, coletar dados, selecionar, descrever, interpretar, (poucos efetivamente analisam), porém, o fazem colocando em jogo o discurso das Ciências Humanas. Com isso, as técnicas de investigação encontram-se destituídas de seus fundamentos teóricos e acarretam sérias conseqüências ao processo de construção do conhecimento.

Com uma alta freqüência, temas como criança, família, escola, história da educação, sala de aula, livro didático, mostram-se, nos estudos educacionais, como fortemente interativos e marcados por certa normatividade de caráter prescritivo. Isto equivale dizer que seus conteúdos voltam-se, fortemente, para a discussão de ações educacionais mais do que constituem uma discussão do campo educacional e historiográfico.

A interatividade dos temas acima deveria constituir o espaço de relações que orienta e faz emergir a problematização da pesquisa, como percurso inicial de construção do objeto, tal como aconteceu na história aqui relatada. Do mesmo modo, é de suma importância a vinculação do tema ao universo, de modo a revelar seus nexos próprios e evitar procedimentos generalizantes que tratam as realidades sociais como se fossem homogêneas. A generalização e, muitas vezes, o grau de abstração do contexto social, que informa a realidade dos sujeitos, conduzem a uma invisibilidade dos mesmos. Fica-se sem saber quem são, como vivem, como pensam suas vidas e o que elas significam.

O interesse na educação, na escola e nos educadores, por vezes, conduz o pesquisador a centrar, na figura do educador e de sua prática pedagógica, as possibilidades de mudança educacional, normatizando e prescrevendo procedimentos “revolucionários” de uma ordem social injusta e desigual, sem que se considere efetivamente a escola em seu sentido mais amplo, seja como espaço de atuação do professor, como espaço de formação desse mesmo professor ou ainda como realidade institucional e política que se insere na ordem mais geral da sociedade. O viés de uma visão idealizada e personalizada dos problemas que aí se colocam parecem conduzir a reflexão para a idéia de que tudo se resume a uma questão de mentalidade dos educadores que deve, como tal, ser mudada. Na busca de soluções eficazes, fica-se na observação de micro-realidades, micro-espacos vistos em si mesmos, a sala de aula, a escola, o recreio, o currículo, o professor...

Ao centrar o olhar na ação educativa, movidos por uma concepção humanista mais ideologizada, a pesquisa em educação pode conduzir o olhar a permanecer no singular pelo singular e tomar seus sujeitos e as realidades que estuda de modo generalizado e generalizante. Cabe então perguntar: será este o melhor caminho?

Valente (2000) comenta que é urgente que se compreenda a possibilidade de unir a perspectiva histórica à dimensão da singularidade. Para a autora, o universal e o singular são dimensões relacionadas. Porém não constituem realidades harmônicas e sem conflitos. Assim, diz ela, é preciso ver as mediações existentes entre ambas, levando-se em conta o processo histórico e a funcionalidade que se expressa no interior do dado cultural, inserindo-o num contexto mais amplo de compreensão.

Os campos educacional e historiográfico, como centros de investigação, exigem do pesquisador um olhar mais crítico, em que os aspectos do cotidiano de crianças, famílias e escolas possam ser vistos e refletidos como realidades mediadas pelo político, como realidades históricas capazes de gerar novas sociabilidades e, como tal, exigem verificar não apenas como tais realidades funcionam, mas sobretudo como as relações que as constituem são a um só tempo complementares, contraditórias e conflitivas.

No caso brasileiro, a escola, independentemente de onde esteja situada, campo ou cidade, centro urbano ou periferia, atende aos interesses do sistema e é por ele regulado. Este é o ponto fundamental que conduz aos processos de exclusão e à conformação de valores que não correspondem à ordem da vida vivida, ou seja, que se configuram como ideologia e, por isso, exigem um olhar crítico. Olhar este que só pode emergir a partir dos pressupostos teóricos que se adota como ponto de partida da pesquisa.

Neste sentido, é preciso ver a escola naquilo que a constitui, ou seja, a um só tempo, como parte de uma realidade institucionalizada pelo sistema e em termos da forma que assume e atua no contexto particular em que está situada. É preciso, portanto, a partir de um modelo geral e de uma função homogeneizadora, considerar os contextos locais, regionais e específicos de sua realidade. Considerar a diversidade, compreendendo que as expressões culturais, como diz Carvalho (1989), resultantes da desigualdade, não são expressas pela educação institucional, mas também, diz ele, não são simbólicas e politicamente minadas pelo sistema educacional institucionalizado.

Deve-se ter presente que as categorias de referência do pesquisador devem ser consideradas em contexto e em razão de seus sentidos, posta a teoria que as informa e a realidade que as constituem. É parte integrante da ação do pesquisador compreender como as categorias de referência teórica são preenchidas de conteúdo pela realidade concreta dos sujeitos investigados e, como tal, são, também, uma construção do pesquisador. As categorias se constituem em situações

sócio - culturais concretas e resultam em formas de apropriação das diferenças criança/adulto, casa/rua, indivíduo/família, escola/trabalho etc. Tudo referido à vida dos sujeitos que se investiga e , portanto, não como sujeitos gerais. A criança, a família, a escola e assim por diante. Cada um encontra-se referido a formas de representação construídas no e pelo meio social particular e específico e, como tal, esses fatos não podem ser esquecidos.

O que aqui é proposto diz respeito a um fazer em termos de pesquisa e de análise que deve ser esclarecido em seus princípios e pressupostos teóricos, para que em seu desenvolvimento possa atingir a dimensão invisível das coisas e dos fatos sociais, garantindo um mergulho em profundidade. Portanto, é preciso que o pesquisador tenha, em mãos e em mente, um contexto informado para que possa caminhar em alguma direção.

Faz parte disso:

1. evitar o tratamento bibliográfico como demonstração de leitura ou de um suporte teórico enrijecido no tratamento da realidade;
2. flexibilizar a abordagem, o que só acontece quando a teoria dialoga com a realidade investigada;
3. ter claro os conceitos chaves da pesquisa, bem como a realidade do conceito;
4. descrever exaustivamente o universo focado de modo a dar conta de todo e qualquer detalhe que nele possa parecer menor e sem significado, percebendo-o no seu todo e em sua trama;
5. perceber - se dentro e na relação com os sujeitos pesquisados.

Como diria José de Souza Martins (1996), trata-se de pensar o cotidiano dos sujeitos que investigamos, através de um modo não cotidiano de pensar e, assim, superar o modo cotidiano de pensar. Enviesado, naturalizado, militante, pré-concebido etc. isto só se faz possível pelo distanciamento e estranhamento do que nos é conhecido e familiar, tal como a Antropologia propõe.

Como afirma Ianni (1988, p. 11), citando Marx, “a ciência seria supérflua, se a aparência exterior e a essência das coisas coincidissem diretamente”. Aqui está o desafio que nos transforma em pesquisadores: desconfiar das verdades postas e relativizar constantemente nossas próprias descobertas. Só assim nos faremos pesquisadores e investigadores no campo científico e no universo de nossas práticas como educadores que somos ou desejamos ser, ou seja, preocupados em mergulhar na dimensão própria de nossa condição humana.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Edgar de Assis – *As relações entre educação e os diferentes contextos culturais*. Didática (25),1989.

GINZBURG, Carlo – *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânea Amoroso. São Paulo. Cia. Das Letras,1987.

GUSMÃO, Neusa M^a Mendes de – *Projeto e Pesquisa : caminhos, procedimentos, armadilhas...- In, Lang, Alice Beatriz da S. G. - Pesquisa em Ciências Sociais*. Texto CERU n.o 8, série 2. SP, HUMANITAS, FECH/USP, 2001 p. 73-78.

IANNI, Octavio (org.). *Marx:- Sociologia*. 6 ed., São Paulo; Ática, 1988. (Coleção Grandes Cientistas Sociais;10) p.11

LE GOFF, Jacques et alli – *A nova história*. Trad. Ana Maria Beça. Porto. Edições 70.1977.

LÜDTKE,ALF (sous la direction) – *Histoire du quotidien*; trad. De l'allemand par Olivier Mannoni, Paris: Éd. De la Maison des sciences de l'homme,1994.

MARTINS, José de Souza (org.)- *Henri Lefevre e o retorno à dialética*. São Paulo. Hucitec, 1996.

MORIN, Edgar.- *Ciência com Consciência* Publicações – Europa-América,Ltda. Portugal 1994, p.20

VALENTE, Ana Lucia E. F. - *Diálogos, monólogos e rituais: o que se diz sobre a interface antropologia/educação?* Trabalho inédito apresentado na 22^a RBA – Associação Brasileira de Antropologia. Brasília, julho de 2000.

VIDEO-

VIDEO DE CURTAS – *Histórias do País* – Episódio – BARBOSA – com Antonio Fagundes. Direção Jorge Furtado e Ana Luisa Azevedo, 1988).

NOTAS

¹ Professora Dr.a da Faculdade de Educação - UNICAMP. E-mail: ernesta.zamboni@terra.com.br

² Professora Dr.a Livre- Docente da Faculdade de Educacao - UNICAMP. E-mail: neusagusmao@uol.com.br